

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO SOBRE O LIVRO DIDÁTICO¹

Linguistic variation in portuguese language: a study about the textbook

Claudia Pagnoncelli²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo trazer à tona discussões em torno do ensino de Língua Portuguesa, bem como a pluralidade e dinamicidade da língua, enquanto elemento social, em contraponto ao ensino da Gramática Tradicional. Considerando como objeto de estudo fenômenos referentes à variação linguística em livros didáticos da coleção Perspectiva do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental, procurar-se-á verificar se há nesses livros atividades que abordem os fenômenos. O objetivo é saber como e em que medida esses fenômenos acontecem, pois, se considerarmos a diversidade cultural do Brasil, deveríamos reconhecer também as diferenças linguísticas, uma vez que existem variedades sociais, regionais, dentre outras. Sabendo da importância de refletir sobre o papel das instituições escolares frente a essa realidade, buscou-se fundamentar essa pesquisa nos constructos teóricos da Sociolinguística associada à Teoria Sociointeracionista preconizada nos PCNs, e dos pressupostos teóricos de autores como: Mollica e Braga (2010), Bagno; Stubbs; Gagnée (2002), Bagno (2004, 2007), Marcuschi (2004) e Travaglia (2008). Os resultados desse estudo apontaram para um ensino de língua fundamentado na variedade linguística de maior prestígio.

Palavras-chave: Linguagem. Ensino. Gramática. Variação Linguística.

Abstract: *This work has as objective to bring in evidence discussions in around the teaching of Portuguese Language, just as well plurality and dynamism on the language, its social in by contrast the teaching the Traditional Grammar. Considering as object of study phenomena regarding linguistic variation in textbooks on the collection Perspective the 6th to 9th years of Primary School, will be made to check if there is in these books activities that address the phenomena. The objective is to know how and by what measure happen, because, if we consider the cultural diversity of Brazil, we should all recognize also the linguistic differences, since there are social, regional varieties, among others. Knowing the importance of to reflect on the roles educational establishments facing this reality, we sought to support this research in*

¹ Artigo realizado como trabalho de conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* “Especialização em Letras”, em 2015, da UTFPR, Pato Branco, sob orientação da Profª Drª Siderlene Muniz-Oliveira, a quem agradecemos.

² Especialista em Letras pela UTFPR, Pato Branco. E-mail: claudiapagnoncelli@hotmail.com

the theoretical constructs of Sociolinguistics associated Theory Social Interactionist extolled in the PCNs, and on the theoretical presuppositions of writers like: Mollica e Braga (2010), Bagno; Stubbs; Gagnée (2002), Bagno (2004, 2007), Marcuschi (2004) e Travaglia (2008). The results of this study showed for a language teaching based on the linguistic variety of greater prestige.

Key-words: *Language. Teaching. Grammar. Linguistic Variation*

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é verificar se existem propostas de atividades que abordem a variação linguística em uma coleção didática, e de que modo são apresentadas. Com isso buscamos refletir sobre a língua portuguesa no Brasil, bem como a pluralidade cultural e as variações nela existentes. Esta diversidade parece não ser considerada pela escola, ainda que coubesse a esta formar cidadãos críticos, capazes de interagir socialmente. No entanto, a escola parece evitar discussões mais aprofundadas sobre as mudanças que ocorrem na língua. Este seria um indício de que a escola tende a ensinar a gramática tradicional como a forma linguística de prestígio, sem levar em conta as diversas situações comunicativas.

Diante disso, pretende-se criar soluções para o enfrentamento da variação linguística em sala de aula, principalmente, no que se refere às atividades oferecidas pelos livros didáticos aos professores de língua portuguesa. Com este propósito, apresentaremos na seção 2 alguns parâmetros que situam a variação linguística em internas e externas.

A Seção 3 pretende trazer reflexões sobre o papel da escola diante dos fenômenos encontrados na língua, bem como sobre as concepções de ensino que balizam o trabalho dos professores. Na seção 4 apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa. E, em relação à seção 5 apresentaremos os resultados obtidos através das análises feitas nos livros didáticos, e por fim, na Seção 6 teceremos reflexões e comentários finais sobre o estudo desenvolvido.

2 DIFERENTES MOTIVAÇÕES PARA A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

De acordo com Mollica e Braga (2010), as variáveis internas relacionam-se aos aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos, semânticos etc, presentes nas palavras, enquanto que as

externas referem-se às variáveis não lingüísticas determinadas pelo espaço geográfico, idade do falante, etnia, etc. Sendo assim, a língua passa constantemente por alterações, visto estar diretamente atrelada a fatores dinâmicos e históricos ligados às mudanças que ocorrem na sociedade como um todo. As principais alterações que acontecem estão ligadas aos aspectos geográficos, isto é, ao modo de falar, pois este varia conforme a região habitada pelo falante.

Um exemplo disso pode ser observado com a palavra *coração*. Ela é pronunciada ‘coração’ com /ô/ fechado na região sul e ‘córção’ com /ó/ aberto na região nordeste. A pronúncia varia também nas regiões urbana e rural, ou seja, há pelo menos duas variantes para a palavra ‘coração’. No centro de São Paulo a palavra *porta* é articulada como ‘porta’ com som de /r/ fraco, já no interior, como poRta em que o som de “r” fica mais perceptível indicando um registro “caipira”. Embora, haja estudos que comprovem traços que antes eram próprios dos falares rurais, hoje, são encontrados em moradores da zona urbana, ainda que nunca tivessem residido em zonas rurais como explicam os autores Bagno, Stubbs, Gagné (2002):

[...] traços que antigamente caracterizavam os falares rurais são encontrados hoje em dia com grande frequência também na fala urbana, devido ao processo ininterrupto e maciço de urbanização da nossa população. Um exemplo disso é a pronúncia do R retroflexo, o chamado “R caipira”, que até pouco tempo caracterizava as variedades do interior de São Paulo e de outros estados, e que hoje podemos encontrar cada vez mais frequentemente em amplas áreas da região metropolitana da capital de São Paulo. Assim, o que antes era um traço característico da zona rural hoje já está presente na linguagem de moradores da zona urbana, muitos deles nascidos e criados longe do meio rural. (BAGNO; STUBBS; GAGNÉ, 2002, p. 33)

Para eles, o fenômeno se deve às migrações que frequentemente ocorrem nas mais diversas regiões do Brasil contribuindo para a propagação de expressões diferentes. Outro aspecto a ser notado é o socioeconômico, pois, o acesso à cultura também é um elemento que concorre para mudanças na língua. Pessoas que possuem o hábito da leitura podem ter um vocabulário mais acurado e mais próximo da norma padrão, porém, isso não significa que a variedade padrão seja melhor ou pior, significa que se trata de mais um fenômeno lingüístico.

Outros fatores como idade, sexo, etnia, grupos sociais, etc, também interferem na língua. Assim, a língua é alterada por diversas razões e a depender destes agentes, os níveis de linguagem também variam. A chamada língua padrão e culta é aquela idealizada pelos gramáticos e por isso considerada pelas instituições escolares a forma correta do bem falar e escrever. Os representantes

mais expressivos desse movimento linguístico são os franceses Arnould e Lancelot (1992). O intento destes estudiosos era alcançar uma língua ideal, que fosse aplicada a tudo.

Desta forma, a língua falada na situação de interação, em que não se observam regras desse bem falar/escrever, seria considerada feia ou errada. Entretanto, erro seria acreditar que a língua não variasse ou que existisse apenas uma forma correta de falar. Ao contrário, a língua não é algo acabado em si mesmo; a língua muda de acordo com os seus falantes, conforme esclarece Bagno (2007):

Com tudo isso, a gente está querendo dizer que, na contramão das crenças mais difundidas, a variação e a mudança lingüísticas é que são o “estado natural” das línguas, o seu próprio jeito de ser. Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas! (BAGNO, 2007, p. 37)

Ainda segundo Bagno (2007), há “coisas” na língua que não variam, por exemplo, a pronúncia da consoante /f/ é idêntica em todas as variáveis do português brasileiro. Os artigos definidos /a/ ou /o/ são sempre postos antes do nome (a menina/o menino). Os pronomes oblíquos não aceitam outro constituinte entre eles e o verbo: *Luiz me odiou durante muito tempo*, mas, a forma: *Luiz me durante muito tempo odiou*, é agramatical, assim como em *a casa* é aceitável enquanto que *casa a* não seja usual. Os verbos regulares na 1ª pessoa do singular do indicativo sempre aparecem com a desinência /o/ (eu quero, eu limpo), e jamais um /a/, um /e/ ou um /mos/. O verbo *gostar* só admite a preposição /de/, etc. Há outras regras que não apresentam variação; essas são chamadas de regras categóricas, enquanto que as regras que exprimem variação são chamadas de variáveis.

A variação linguística é uma característica natural das línguas e, como vimos, a língua varia de acordo com o grau de instrução, contexto (formal/informal), localidade (urbana/ rural), status social, dentre outros fatores. Segundo dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE³, o Brasil possui mais de 202 milhões de habitantes e cerca de duzentos e dez idiomas, por isso, é considerado o oitavo país com maior número de línguas em uso. Não devemos

³ Fonte: Portal Brasil, com informações da [Imprensa Nacional](http://www.brasil.gov.br/governo/2014/08/populacao-brasileira-ultrapassa-202-milhoes-de-pessoas) e do [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística](http://www.brasil.gov.br/governo/2014/08/populacao-brasileira-ultrapassa-202-milhoes-de-pessoas), 2014. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/08/populacao-brasileira-ultrapassa-202-milhoes-de-pessoas>> Acesso em: 25/03/15.

nos esquecer da influência linguística e cultural que tiveram os africanos, indígenas e imigrantes desde o início do século XIX. Toda essa diversidade também se reflete na escola, tanto no comportamento linguístico dos falantes, quanto no funcionamento da língua.

3 O PAPEL DA ESCOLA FRENTE À REALIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA

A elevada demanda pelo ensino público fez com que muitos estabelecimentos escolares apresentassem problemas estruturais. Deste modo, os problemas enfrentados por professores e alunos vão muito além das questões teóricas e metodológicas que tratam dos fenômenos linguísticos. O crescimento populacional e as questões sociais, políticas e econômicas também alteraram o modo de ser/estar na escola.

As estruturas físicas das escolas públicas apresentam-se deterioradas, as salas com capacidade de ocupação esgotadas, a falta de material de qualidade e outros fatores como, renda familiar, altas taxas de repetência e evasão escolar são dados agravantes no ensino público brasileiro. Dessas camadas menos favorecidas fazem parte também os professores; é daí que surge a necessidade da formação continuada. Sobre esse processo de crescimento desordenado nas cidades e da demanda por mais escolas, Bagno (2007), afirma que:

Foram muitas e graves as conseqüências desse processo rápido, crescente e desordenado de urbanização, como o surgimento das enormes periferias pobres nas grandes cidades, o desemprego, a violência urbana, sem falar na degradação física das cidades, na poluição de todos os tipos etc. Outra conseqüência foi também a transformação do perfil social das alunas e dos alunos que as escolas públicas passaram a atender. Amplas camadas sociais que até então tinham ficado excluídas do ensino formal, por estarem fora das zonas urbanas, começaram a exigir que seus filhos e filhas, já nascidos e criados nas cidades, tivessem acesso à escolarização. Foi essa pressão social que ocasionou a “democratização” do ensino, quer dizer, o vertiginoso aumento do número de salas de aula em todo o Brasil, mas, sobretudo nas grandes aglomerações urbanas. (BAGNO, 2007, p.31)

Com o acesso desses alunos e professores à escola, a qualidade do ensino-aprendizagem anteriormente exigida passa a ser questionada. Desta forma, um ensino fundamentado na gramática tradicional e/ou na variedade padrão que não leve em conta outras variedades é incoerente. Há uma resistência em se admitir mudanças na língua, tanto quanto em aplicar novos conhecimentos advindos de pesquisas linguísticas.

Compreende-se que tal dificuldade se refere à falta de preparo da escola para a “revolução” que ocorreu na sociedade capitalista, na qual são exigidas capacitações para o trabalho. A escola é vista como uma porta necessária ao desenvolvimento humano e à conservação do capitalismo, porém, as escolas não estão preparadas para receber tão grande número de pessoas, visto que as mesmas serviam a pequenos grupos de pessoas que detinham o poder. Tal exigência fez com que toda a sorte de pessoas, das mais diversas camadas sociais buscassem o “direito” de ter uma vida melhor.

No entanto, a grande maioria das escolas além de não oferecer infraestrutura suficiente para atender a essa procura, não dispõe de professores capacitados para suprir as diferentes necessidades dos sujeitos que a ela se apresentam. Numa época em que a escola era requisito de uma minoria, não havia problemas em ditar regras que condiziam com a realidade dos mais privilegiados. Atualmente, a escola ainda busca adaptar-se a uma nova realidade, algo que exige políticas públicas bem definidas para que obtenhamos uma educação de qualidade. Por ora, veem-se professores em formação continuada, mas que permanecem confusos com uma série de orientações que indicam um ensino de qualidade e uma escola que não comporta tais orientações.

Nesse contexto, a escola precisará adotar uma posição realista frente aos fatos e empreender esforços para desmistificar o ensino de língua portuguesa e combater o preconceito linguístico. Faz-se necessário trazer para a sala de aula textos dos mais diversos gêneros que enfoquem a variação linguística, inclusive mostrando as diferenças e usos de uma e outra. Esta seria uma maneira de desmistificar o ensino de português e estimular os alunos a pronunciarem-se, e a participarem ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Faz-se necessário que o professor adquira uma nova visão de ensino e venha ampliar as competências linguísticas dos alunos com estratégias que visem formar cidadãos preparados para atuar, principalmente, fora da escola, o que implicaria trazer para a sala de aula atividades que façam sentido na vida social.

Sendo assim, a gramática pode e deve ser ensinada, porém, em uma perspectiva de análise e reflexão da língua em uso. As propostas e reivindicações de melhorias no ensino de português são bem vindas e devem fazer parte das preocupações dos professores, mas, em não havendo mobilização social que as assevere, serão apenas propostas. Um exemplo são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que apesar de fazer alusão às novas perspectivas de ensino, esbarram na falta de estrutura das escolas e na formação de professores.

Quando se trata de variação linguística, percebe-se que há, por parte dos professores, um esforço para cumprir as determinações, mas não sabem como aplicar os conteúdos em sala. Sendo assim, o professor poderá trazer assuntos atuais do dia a dia dos alunos, e textos que retratem um discurso mais informal, bem como textos que apresentem uma linguagem mais técnica ou literal e mostrar as utilidades de cada um e a situação de uso, como explica Bagno (2007):

A escola não pode desconsiderar um fato incontornável: os comportamentos sociais não são ditados pelo conhecimento científico, mas por outra ordem de discursos e saberes – representações, ideologias, preconceitos, mitos, superstições, crenças tradicionais, folclore etc. Essa outra ordem de discursos e saberes pode até sofrer dos avanços científicos, mas quase sempre essa influência se faz de forma parcial, redutora e distorcida. Querer fazer ciência a todo custo na escola sem levar em conta a dinâmica social, com suas demandas e seus conflitos, é uma luta fadada ao fracasso. (BAGNO, 2007, p. 79)

Assim, o professor não deverá ficar preso ao livro didático ou ao ensino da gramática, pois basear o trabalho docente em regras fixas, sem levar em conta as mudanças que ocorrem na língua, significa recusar a dinamicidade e a historicidade de uma língua com seus usos e costumes. Com isso é necessário sair do tradicional, preparando aulas mais dinâmicas, a fim de harmonizar contextos em contínuas mudanças. O professor poderá organizar-se procurando meios para manter os alunos conscientes das transformações que ocorrem na língua.

Faz-se interessante que o professor aguace o senso de investigação linguística nos alunos reconhecendo os conhecimentos prévios deles. É a partir desse ponto de vista que o ensino-aprendizagem poderá acontecer real e concretamente. Quando o ensino é contextualizado e as vivências de cada aluno respeitadas, a tendência é o aluno identificar-se com a escola e com as aulas de língua portuguesa.

Com o surgimento da tecnologia, a sociedade não é mais a mesma. Sendo assim, os **jovens** e adolescentes também não são os mesmos de décadas atrás, e talvez por isso, a educação deverá estar em sintonia com as novas tendências, ainda que as experiências passadas sirvam de exemplo. Segundo Marcuschi (2004), com o advento da internet tornou-se cada vez mais complexo demarcar o que é admitido na língua falada e o que é cobrado na língua escrita, pois há uma “mistura” de gêneros textuais, afora os gêneros virtuais como, *e-mail*, lista de discussão, *chats*, *weblogs*, videoconferências entre outros.

Sendo assim, as práticas em sala de aula deverão estar alinhadas à realidade sociocultural e às necessidades dos alunos, pois um estudo voltado apenas à imanência do texto e às normas gramaticais desencadeará um desinteresse gradativo por parte desses alunos no que tange ao estudo da língua. Além disso, será necessário levar em conta os valores morais, ou seja, o respeito à “bagagem” que eles carregam reconhecendo os ambientes sociais dos quais fazem parte.

Os PCNs de Língua Portuguesa ressaltam a importância do professor como mediador do processo ensino-aprendizagem da língua, mas não só ao professor cabe proporcionar aos alunos o direito à palavra, ao exercício da cidadania, cabendo ao aluno o direito de expressar-se enquanto cidadão do mundo. Significa dizer que esse sujeito vive em sociedade, logo, é constituído por outras vozes, ou seja, é no processo de interlocução que esse sujeito tem a oportunidade de analisar e refletir sobre seus próprios saberes. O professor poderá intermediar o confronto de opiniões possibilitando o contato crítico e reflexivo dos mais diversos assuntos. Quanto aos conteúdos, o documento coloca o ponto principal do ensino de Língua Portuguesa:

O estabelecimento de eixos organizadores dos conteúdos de Língua Portuguesa no ensino fundamental parte do pressuposto que a língua se realiza no uso, nas práticas sociais; que os indivíduos se apropriam dos conteúdos, transformando-os em conhecimento próprio, por meio da ação sobre eles; que é importante que o indivíduo possa expandir sua capacidade de uso da língua e adquirir outras que não possui em situações lingüisticamente significativas, situações de uso de fato. (BRASIL, 1998, p. 35):

Os PCNs possuem grande importância para a renovação do ensino de língua portuguesa porque está em concordância com os estudos sociolinguísticos e insere-se numa concepção interacionista de língua. Ao se analisar o trabalho do professor, torna-se importante atentar para as concepções de língua na qual se fundamenta. Porquanto, “o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito o como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino. A concepção de linguagem é tão importante quanto à postura que se tem relativamente à educação.” (TRAVAGLIA, 2008, p.21).

Se esta visão estiver voltada para a valorização dos conhecimentos de mundo dos sujeitos, então, compreende-se uma concepção que leve em conta o diálogo e a interação entre eles. Se linguagem e sociedade são inseparáveis, a relação social resultante de uma constituição coletiva é, portanto, extralingüística, porque transcende a língua. Como consequência dessa relação nascem os

usos linguísticos proferidos pelos mais diversos falantes nas mais variadas situações e contextos sociais. Bagno (2007, p.38) diz que “o objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade lingüística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas [...]”.

Tendo em vista o ambiente socioeconômico desses falantes, é necessário permitir-lhes estratégias que possibilitem o contato com a leitura e as diversas formas de cultura, então, contribuir-se-á para que os conhecimentos cognitivos e visão de mundo próprios a cada um sejam reconhecidos no estudo da língua, construindo, assim, sentidos para a apropriação do conhecimento. Desta forma, torna-se importante apresentar aos alunos materiais pedagógicos que abordem um conjunto de conhecimentos de escrita e leitura acessíveis isto é, compreensíveis à realidade sociocultural dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida a partir de estudos com livros didáticos do 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental – Coleção Perspectiva Língua Portuguesa (2012), de autoria da Profª Drª Norma Discini e Profª Drª Lucia Teixeira. Este estudo está pautado nos seguintes objetivos:

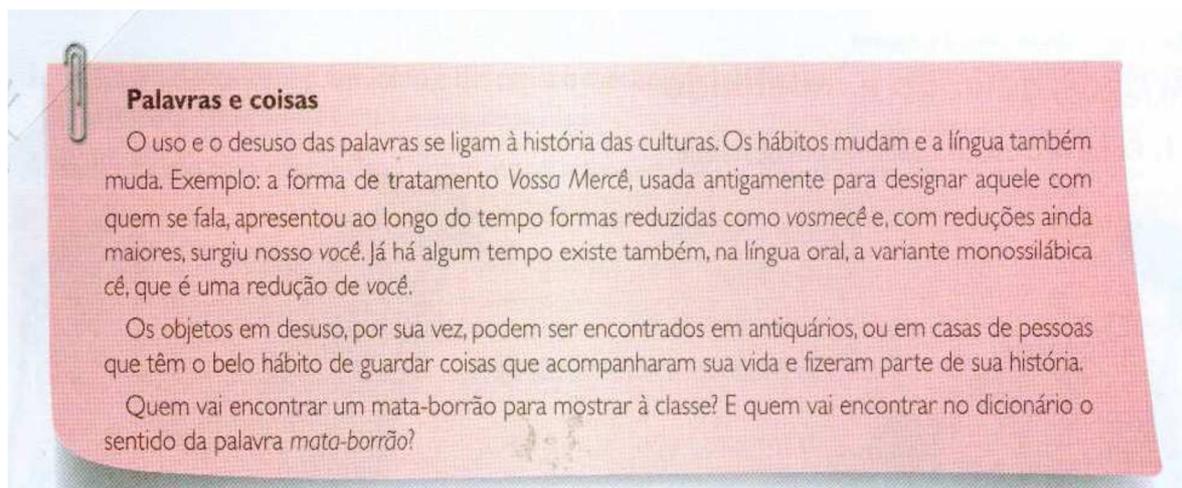
- (1) Verificar se a variação linguística é abordada nos livros didáticos e de que forma isso é feito; se em frases soltas ou associada a textos.
- (2) Identificar se os fenômenos apresentados procuram associar a variação linguística às regiões consideradas de menor prestígio, estigmatizando o falante.
- (3) Constatar se os casos de variação linguística identificados ficam restritos sempre a um mesmo autor.

Primeiramente, identificamos em cada um dos livros mencionados todas as atividades que se relacionavam com variação linguística. A partir dessa pré-análise, observamos que havia uma quantidade relativamente baixa de atividades abordando variação linguística. Em segundo lugar, selecionamos algumas atividades para análise, tendo como critério analisar uma atividade por livro, no entanto, foram escolhidas duas figuras do livro do 6º ano por este ser mais extenso que os demais.

5. ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

Os dados da pesquisa em torno da variação linguística mostraram que atividades envolvendo textos de diversos gêneros, visam, principalmente, a identificar a linguagem apropriada para cada contexto. A diversidade dos gêneros demonstra a dinâmica das interações sociais. Portanto, os gêneros variam conforme variam os sujeitos e as suas necessidades, de acordo com as mudanças histórico-sociais que vivenciam.

Os textos presentes nos livros, em sua maioria, apresentam atividades envolvendo classes gramaticais, e ao que tudo indica, servem como pretexto para o ensino de gramática. A leitura solicitada desses textos cabe única e exclusivamente para responder a imensos questionários, tornando-se cansativo para o aluno. Quanto à variação linguística, as afirmações são bastante sucintas, como é o caso da imagem abaixo:



Fonte: DISCINI; TEIXEIRA, (2012, p. 58)

Figura 1: CAIXA DE INFORMAÇÃO

Na Figura 1, retirada do exemplar do 6º ano, encontram-se informações sobre mudança linguística, na qual as autoras reconhecem as mudanças que ocorrem na língua ao longo do tempo e que estão ligadas à história cultural da humanidade. Elas chegam a confirmar a existência de outras variedades além do padrão culto, e entendem que fatores regionais, situação de uso, etc., fazem com que palavras, naturalmente caiam em desuso, sendo substituídas por outras. Esse fenômeno comprova que a língua varia de acordo com as épocas e costumes, porém, não há uma discussão mais aprofundada sobre o assunto.

Embora as autoras toquem na questão da história da língua, seria preciso explorar as questões que contribuíram para essas mudanças. E, a partir dessas constatações, revelar a relação

entre língua e sociedade, bem como de sua formação, e dos sujeitos participantes. Não é o que se observa na Figura 2 (p.306, 307), pois, não obstante se realize um trabalho envolvendo variação linguística e gêneros textuais, o texto traz uma linguagem regional, (re)conhecida como “caipira” como se este fosse o único exemplo de variação.

Não são percebidas explicações que deem conta da heterogeneidade da língua quanto aos fatores sociais que nela atuam. Os exemplos relacionam, isto sim, casos de variação linguística aliados aos gêneros textuais, quase sempre traçando um paralelo entre norma padrão e o que seria o dialeto “caipira”. Assim, a língua ficaria limitada a conceitos de adequação ou inadequação a determinadas situações discursivas. Importa reconhecer o processo de adequação da linguagem, porém é preciso ir além do certo/errado/adequado/inadequado.

Seria necessário antes, reconhecer os fatores sociais que contribuem/contribuíram para as mudanças e/ou variações linguísticas. Portanto, será preciso levar em conta as razões pelas quais existem diferentes formas de expressão, e o que leva à escolha por uma ou outra variante. Uma questão a ser considerada é a posição social do falante e sua interação com o mundo à sua volta.

Esta seria uma forma de expor problemas sociais sem, contudo, pender para o preconceito ou à exclusão. Vê-se que as autoras introduzem textos variados, incluindo os jornalísticos para leitura e estudos gramaticais, porém, não há menção a respeito de variação linguística. Percebe-se, sim, a variedade padrão oferecida pelos textos de imprensa, que não contribuem para uma maior discussão e esclarecimentos sobre o assunto, pois, como se observa, estes textos evidenciam apenas a variedade de prestígio.

ESTUDO DA LÍNGUA

Variação na pronúncia e na grafia

Observe a palavra destacada deste verso de Bandeira:

"E vão tocando os animais com um **relho** enorme."

De acordo com certas regiões do Brasil, a pronúncia de *relho* sofre uma variação: passa para *reio*. Entretanto o sentido é o mesmo: relho significa açoite, chicote.

Temos, com *relho* / *reio*, uma variação no plano fônico, que diz respeito ao modo de pronunciar a palavra e que acaba resultando em grafia diferente.

Asa Branca

Quando oiei a terra ardendo
Quá foguera de São João
Eu perguntei-ei a Deus do céu, ai,
Pru que tamanha judiação?

(...)

Quando o verde dos teus oios
Se espaiá na prantação
Eu te asseguro, num chore não, viu
Que eu voltarei, viu, meu coração.

Asa branca! Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga. © Fermata do Brasil/Rio Musical Ltda.

1. Examine as variações na canção popular.

a) Destaque os casos de ocorrência da variação do *lh* para *i*, nesses versos de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga. *Oiei – olhei; espaiá – espalhar; oios – olhos.*

b) Indique a regra que comanda essa variação.

Para isso responda:

O *lh* que se transforma em *i* está:

- entre vogais;
- no início das palavras;
- entre uma vogal e uma consoante. *O lh que se transforma em i está entre vogais.*

c) Comente:

- a cena narrada em *Asa branca* (o espaço – rural ou urbano; os tipos das personagens);
- a legitimidade concedida à cena narrada, por meio do uso da variação linguística.

Professor: veja resposta no Manual do Professor, página 88.

Fonte: DISCINI, TEIXEIRA, (2012, p.306,307)

Figura 2: POESIA & LETRA MUSICAL

Importante verificar na Figura 2, retirada do livro do 6º ano, o trabalho envolvendo gêneros textuais e casos de variação linguística. Neste exemplo, há uma associação de letra musical e poema, porém, o exemplo se limitaria às variedades rurais e/ou regionais não escolarizadas, reforçando e induzindo ao preconceito. Assim, subentender-se-ia que os que residem em localidades rurais falariam “errado” e aqueles que residem nos centros urbanos falariam corretamente, sem variações. Deste modo, a variação ganharia uma conotação negativa. Logo, a questão da variação estaria sendo restringida apenas à linguagem rural ou suburbana, comprovando-se, assim, que a língua estaria fortemente atrelada às relações de poder social e econômico.

De acordo com Bagno (2005), a variedade padrão precisa ser ensinada, pois, faz parte da língua materna, mas é preciso ir além do ensino idealizado e imposto por um determinado grupo social. Motivar o uso de uma variante em detrimento de outra, só reforçaria o preconceito social e linguístico, como explica Bagno (2005):

[...] a norma-padrão tradicional oferece uma das muitas possibilidades de combinação de recursos existentes no sistema da língua. Essa opção não é, linguisticamente nem mais bonita, nem mais lógica, nem mais certa do que as outras: é apenas resultado de um processo histórico de seleção (e portanto, também, de omissão). Ela representa, até em alguns aspectos, um empobrecimento, uma redução dos recursos gramaticais à disposição do falante. (BAGNO, 2005, p.158).

Desta forma, acredita-se que a primeira atitude para desfazer o preconceito linguístico seria acatar a existência da variação linguística e a diversidade cultural, social, econômica e linguística presentes no Brasil. O desconhecimento desse tema traria implicações ao ensino de língua portuguesa, pois o preconceito criaria obstáculos ao entendimento e aprendizado da língua.

Frequentemente nos deparamos com questionamentos do tipo ‘eu não gosto de português’, ‘por que preciso estudar isso’, ‘fulano fala tudo errado’ e assim por diante. Tais declarações comprovam a ideia do preconceito e da insegurança ao lidar com a própria língua. Confirma-se, assim, o quanto uma língua carrega em si o poder de inclusão e exclusão. Por outro lado, o ensino de português parece estar envolto em mistérios, e a origem de toda dúvida entre o quê e como ensinar sugere um ensino firmado nas regras gramaticais ou na variante padrão, revelando desconhecimento ou omissão de questões relativas à variação linguística.

Todavia, quem dita as regras de uma dada língua é o próprio falante, visto que este se apropria da língua durante a comunicação. Contudo, note-se que a gramática possui regras e

preceitos necessários ao bom funcionamento da língua, mas é necessário considerar as diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua, bem como da existência de uma língua culta e outra coloquial. Logo, a língua estaria a serviço do falante e se ajustaria a cada situação comunicativa.

A figura 3 retirada do livro do 7º ano (p. 150) faz parte do capítulo *Cultura popular brasileira* que traz os costumes, a culinária, as danças, canções, lendas e outros, demonstrando toda uma gama de variações culturais existentes no Brasil. No que se refere aos fenômenos linguísticos, estes se reduzem à variedade regional nordestina. É o caso do cordel abaixo, em que se observam os modos típicos da linguagem sertaneja, aliada às péssimas condições de vida denunciadas pelo próprio Patativa do Assaré.

2. Compare o poema transcrito do cordel de Patativa do Assaré com estas quadras. As quadras, estrofes de quatro versos, são de autoria do próprio Patativa do Assaré.

Cante lá que eu canto cá
Cá no sertão eu infrento
A fome, a dó e a misera.
Pra sê poeta diversa
Precisa tê sofrimento.



Coisas do meu sertão
Pois aqui vive o matuto
De ferramenta na mão.
A sua comida é sempre
Mio, farinha e feijão.

Patativa do Assaré. In: *Patativa do Assaré: uma voz do Nordeste*. São Paulo: Hedra, 2000. p. 30-31. (Coleção Biblioteca de Cordel)

a) Examine palavras e expressões que produzem modos próprios de dizer de uma **variante linguística**.

b) No cordel "Emigração e as consequências" comente um processo de descaracterização de determinada variante linguística. Tome as quadras como referência.

A língua falada apresenta variações, de acordo com:

- a situação de fala (informal ou formal);
- a região a que pertencem os falantes (variantes geográficas);
- o nível de escolaridade do falante (variante reprodutora, ou não, das gramáticas escolares).

150

Figura 3: LITERATURA DE CORDEL
Fonte: DISCINI; TEIXEIRA, (2012, p.150)

Ao se tratar de variação linguística nos livros didáticos, é comum vê-las relacionadas às camadas sociais menos favorecidas, como é o caso dos falantes do sertão nordestino ou das regiões

rurais. E, ainda que o autor se utilizasse da língua para apontar as diferenças sociais tão exploradas no nordeste, a exposição das atividades no livro sugere que a variação linguística estaria associada somente a determinados grupos sociais.

Já na Figura 4, a seguir, extraída do livro do 8º ano (p. 68) é demonstrada a transcrição da fala de dois jovens pronunciando-se a respeito de namoro. Aparece uma garota assustada com a ideia do casamento comprovando-se que para esse grupo, assumir tal compromisso é assustador. Deste modo, confirma-se que fatores extralinguísticos como idade, grupo social etc., interferem no modo de expressar-se a respeito de um tema comum.

Variação linguística

Nos capítulos do livro em questão, são transcritos depoimentos de jovens. Leia alguns, com introdução feita pelo enunciadador:

Muitas vezes o sujeito tem dificuldade em assumir uma relação, em afirmar, por exemplo, que está namorando, então ele diz que “está” com o outro, ou está “ficando com” o outro, ou “está de rolo” (estar de rolo é “ficar com” o mesmo sujeito várias vezes).



Porque... assim, com a pessoa que você tá de repente, porque tem vezes que você tá ficando, tá ficando, tá ficando, e aí de repente você já tá até namorando com aquela pessoa, se você encontra com ela todo dia e tal, mas nunca chega um amigo e fala, “Ah, essa é sua namorada?,” e tal, aí você fala, “É,” ele fala, “É minha namorada,” “É meu namorado” [...]. (Bárbara, 18 anos.)

Hoje em dia eu acho que não existe mais isso porque as pessoas não querem mais ter esse tipo de compromisso, então elas não chamam mais de namoro, porque senão fica isso que eu te falei, você se sente meio preso, “Puxa, tô namorando um sujeito,” “Tô namorando ela, não posso sair com outra pessoa” [...]. (Bernardo, 19 anos.)

CHAVES, Jacqueline. “Ficar com”: um novo código entre jovens. Rio de Janeiro: Revan, 2001. p. 14.

Figura 4: RELATO PESSOAL
Fonte: DISCINI; TEIXEIRA, (2012, p.68)

O texto apresentado na Figura 4 é um exemplo de discurso informal em que há ocorrências de formas linguísticas reduzidas ou derivadas da supressão da sílaba ‘es’ da palavra ‘está’ para ‘tá’ e

de ‘estou’ para ‘tô’. Essas seriam variantes mais espontâneas, próprias da linguagem coloquial e coexistem simultaneamente com outras formas como, ‘está’, ‘estou’, por exemplo.

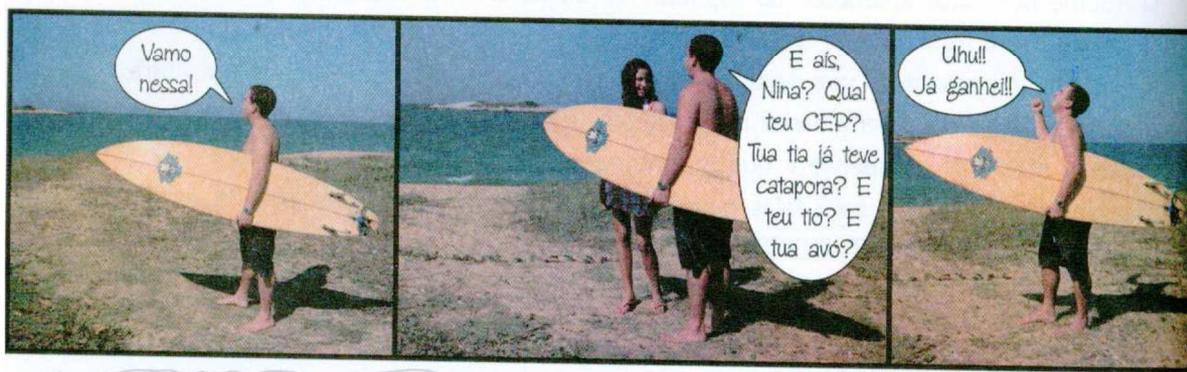
Na figura 5, extraída do livro do 9º ano (p.150), temos a presença de uma linguagem informal. Uma variedade menos prestigiada e apresentada no primeiro quadrado como ‘vamo nessa’ encontrada no português brasileiro. No segundo quadrado, encontramos a gíria que é uma linguagem característica de determinados grupos de falantes, neste caso, das pessoas que praticam *surf*. A tira retrata uma situação corriqueira, na qual ocorre a tentativa de conquistar uma garota. Esperar-se-ia por parte do rapaz certo desempenho linguístico, mas, o que vemos é um discurso confuso, um pouco exagerado para demonstrar a situação comunicativa.

Argumentação e variação linguística

Pense em um programa humorístico de rádio.

Esse programa dará voz a um comediante que vai personificar um surfista.

A personagem central, o surfista, será construído como um anti-herói. Terá ares de quem adora enfrentar tudo o que é politicamente correto. O humor se sustentará principalmente na brincadeira com normas urbanas de prestígio.



2. Temos a imagem do leitor como aquele que:

- escolhe como esporte predileto o surfe;
- usa somente a variante popular para expressar-se;
- aprecia implícitos e ironia;
- repudia estratégias argumentativas que se afastam de normas urbanas de prestígio;
- consegue entender a ambiguidade do humor.

Justifique.

Figura 5: GÊNERO MULTIMODAL – TIRA
Fonte: DISCINI; TEIXEIRA, (2012, p.152)

Embora o exemplo pareça sem sentido para um grupo, é perfeitamente aceitável para outro. Entretanto, é possível perceber um alerta sobre o uso adequado da língua a determinadas situações comunicativas, neste caso, vemos uma variante menos prestigiada em contraponto à variante urbana de prestígio. No exemplo apresentado não há preocupação com regras próprias da variedade padrão, mas com uma variedade real de uso na língua portuguesa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que, no âmbito dos fenômenos da variação e mudança linguísticas, o ensino mostra-se deficiente, pois, o tratamento que o livro didático oferece para esse tema se limitaria a mostrar extremos, muitas vezes de uma língua que não existe na prática. Percebe-se certa obrigação em abordar o assunto, já que é cobrado pelos documentos oficiais, porém, o livro não dá conta de expor os fenômenos linguísticos de forma satisfatória.

Observamos que as atividades envolvendo variação linguística aparecem contextualizadas, isto é, associadas aos gêneros textuais, e algumas informações a esse respeito aparecem em forma de “caixas de diálogo”. Identificamos um trabalho intenso com gêneros textuais em todos os livros analisados, no entanto, chamaram atenção os textos apresentados no livro para alunos do 6º ano. Dentre eles destacamos: livro paradidático, debate regrado, biografia e autobiografia, resumo, epígrafes, depoimento, dentre outros. Acreditamos que para esta faixa etária os textos são muito complexos, e por isso, consideramos inadequados para o ensino.

Ainda que a abordagem das atividades nos livros didáticos se faça de maneira contextualizada, os encaminhamentos visam a valorizar a norma padrão da língua e não conduzem a um momento de reflexão sobre a realidade linguística brasileira. Quando se observam fenômenos linguísticos envolvendo variação, estes continuamente remetem a uma linguagem regional ou “caipira”, relacionando o tema a problemas sociais. Além disso, há textos que fazem menção a um único autor, geralmente é sobre Patativa do Assaré.

Apesar de verificar que a variação linguística não foi trabalhada de forma adequada, percebemos grande empenho por parte das autoras em adequar e inovar a coleção a partir dos estudos interacionistas postulados pelos PCNs. Significa dizer que houve um grande avanço para a promoção de um ensino mais acolhedor e democrático, desempenhando assim, sua função social.

Desta forma, observamos a importância que este estudo demonstra ao esclarecer que, na oralidade, as palavras podem assumir mais que uma realização linguística, isto é, não existem palavras

certas ou erradas. Assim, a escola enquanto instituição democrática de ensino poderá considerar os conhecimentos linguísticos dos alunos, sem com isso, classificar ou excluir, pois, segundo a Sociolinguística, os diferentes falares constituem sistemas linguísticos eficazes e atendem às diferentes finalidades comunicativas.

REFERÊNCIAS

ARNAULD, A; C.LANCELOT. **Gramática de Port-Royal**. Trad. de B. Bassetto e H. Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1992

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. 5 ed. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **Nada na Língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____; STUBBS, Michae; GAGNÉ, Gilles. **Língua Materna:** letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** português. V. 2. Brasília: MEC/SEF, 1998. 35 p.

DISCINI, Norma; TEIXEIRA, Lúcia. **Língua Portuguesa**, 6. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2012. Coleção Perspectiva.

_____. **Língua Portuguesa**, 7. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2012. Coleção Perspectiva.

_____. **Língua Portuguesa**, 8. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2012. Coleção Perspectiva.

_____. **Língua Portuguesa**, 9. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2012. Coleção Perspectiva.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In:* MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertextos e Gêneros Digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza, (Orgs). **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. – 4. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação:** uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2008.